

## A “LÓGICA” DA POLÍTICA ECONÔMICA ORTODOXA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*O São. Paulo*, 28.11 a 04.12.1980

Durante o chamado “milagre brasileiro”, entre 1967 e 1973 o Brasil começou a se endividar para comprar e produzir internamente bens inúteis para os trabalhadores (bens de consumo de luxo, principalmente automóveis). Quando terminou o milagre o Brasil continuou e acelerou seu processo de endividamento para manter e continuar aumentando os altos padrões de consumo de suas duas classes dominantes (principalmente os capitalistas ou proprietários que recebem lucros e secundariamente os altos tecnoburocratas ou gerentes e técnicos, que recebem grandes ordenados). Continuou também a aumentar suas dívidas para pagar os juros crescentes da dívida anterior. Além disso, as importações realizadas pouco adiantavam para aumentar nossa capacidade de exportação. Finalmente o problema tornou-se definitivamente gravíssimo porque o preço internacional do petróleo multiplicou-se várias vezes, de forma que hoje quase 50 por cento de nossas importações são de petróleo.

Diante dessa crise, a única solução viável era reestruturar profundamente os padrões de consumo da sociedade brasileira, reduzindo fortemente a renda disponível para consumo dos capitalistas e da alta tecnoburocracia. Era provocar uma “recessão” para a capacidade de consumo dos ricos, e, conseqüentemente, para as indústrias que produzem os bens de luxo por eles consumidos. Entretanto, porque o governo representa apenas essas duas classes, não foi possível fazer nada nesse sentido. O resultado é que continuamos a importar mais do que exportamos, continuamos a pagar juros, seguros e fretes (principalmente juros) cada vez mais elevados, continuamos a aumentar nossa dívida em dólares (hoje em torno de 60 bilhões de dólares) e a baixar nossas reservas internacionais (hoje provavelmente inferiores a 6 bilhões de dólares).

Diante dessa situação os banqueiros internacionais, que nos emprestam e recebem juros elevados, começaram a ficar preocupados. Com medo de que o País entre em falência e não pague suas dívidas. E passaram a dizer que, para continuar a emprestar, é essencial

que o Brasil pelo menos equilibre sua balança comercial, aumentando as exportações e principalmente reduzindo importações.

É compreensível que os banqueiros internacionais e seu representante, o Fundo Monetário Internacional (FMI), estejam com medo. E provavelmente é razoável que eles exijam que o Brasil equilibre sua balança comercial para continuarem a nos emprestar dólares. O que não é razão nem justificável é o método que eles propõem e pressionam para se chegar a esse resultado.

Esse método é a chamada “política econômica ortodoxa”, ou também a “receita do FMI”. Basicamente consiste em acreditar que as forças do mercado, liberadas, resolverão quase tudo. Recomendam, portanto, a) liberar a taxa de câmbio (desvalorizando mais o cruzeiro, estimulando a exportação e desestimulando a importação); (b) liberar os preços (acabando com os tabelamentos e controles do CIP); e principalmente (c) liberar os juros (fazendo com que o seu aumento desestime os investimentos e ajude a levar a economia à recessão). Quanto aos salários, pela lógica também deveriam ser liberados, mas, segundo a receita, devem ser controlados e reduzidos. Isto revela o caráter ideológico dessa política e serviço do capital financeiro, internacional e secundariamente nacional.

Com a desvalorização do cruzeiro, a elevação pelo menos a curto e médio prazo dos preços, a redução nos salários, e principalmente com a elevação da taxa de juros, mais uma forte restrição do crédito e um violento corte nas despesas e investimentos do Governo teremos uma recessão. Recessão significa desemprego, miséria ainda maior para muitos trabalhadores, falências, especialmente de pequenas e médias empresas, redução generalizada do consumo e do investimento. Todos serão prejudicados, mas o pobre muito mais do que os ricos, os capitalistas industriais mais do que os banqueiros.

Com a recessão, dizem nossos ilustres economistas ortodoxos, as empresas importarão menos porque não terão para quem vender, já que todos consumirão menos. Por outro lado sobrarão mais mercadorias para serem exportadas. E assim equilibrar-se-ão nossas exportações com as nossas importações; e até poderemos ter um saldo comercial para poder começar a pagar nossas dívidas.

É essa política que os banqueiros internacionais estão exigindo do Brasil. É essa política que o nosso governo está começando a adotar. Já que se revelou incapaz de aplicar uma

política econômica alternativa. É uma política que interessa principalmente aos banqueiros nacionais (que ainda receberão juros mais elevados). É uma política que tem a sua lógica (ainda que esta lógica seja perversa para os trabalhadores). Sua lógica é a lógica do capitalismo anárquico, que resolve suas próprias distorções através de cri -se desemprego, falências, e não através de uma efetiva administração das dificuldades econômicas.

Existe uma alternativa a essa política? É claro que sim. Mas essa alternativa uma política administrativa ao invés de uma política ortodoxa exige competência para tomar as decisões corretas e representatividade ou poder para tomar decisões que às vezes prejudiquem os mais fortes. Ora, ambos os ingredientes, e principalmente o segundo, estão em falta no atual governo brasileiro.(O São Paulo, 28/11 a 04/12)